

oferta

821.134.3.09 COR, N/
COS, A

NATÁLIA CORREIA

FOTOBIOGRAFIA

ANA PAULA COSTA



NATÁLIA CORREIA

FOTOBIOGRAFIA

ANA PAULA COSTA



DOM QUIXOTE

Para as minhas irmãs. Com a cumplicidade
de sempre, para sempre.

À memória de Branca Miranda Rodrigues.

À Inês Pedrosa, cúmplice desde
o primeiro instante deste livro,
agradeço a confiança, o estímulo e o prefácio.

Agradecimentos

Um agradecimento muito especial à família da escritora: Justa Correia, José de Medeiros Correia. A José António Correia e Teresa Almeida Lima. E aos seus amigos: Branca Miranda Rodrigues, Fernando Dacosta, Helena Cantos, Helle Lima de Freitas e Júlia Lello.

Agradeço ainda às pessoas e instituições que a seguir se enumeram:

Adalberto Alves, Ana Cristina Santana, Ana Isabel Rodrigues, André Coyné, Antonieta Lopes da Costa, António de Almeida Santos, Berta Bustorff Silva, Branca Andrada, Carla Almeida e Sousa, Carolina Miranda, Carlos Avilez, Cristina Bessa, Cucha Carvalheiro, Eduardo Saló, Fátima Freitas Morna, Fernanda Soares, Fernando Alves, Hermínia Tojal, Isabel Aguiar Barcelos, Joaquim Mestre, João Paulo, José Luís Madeira, José Maria Nolasco, José Moreirinhas Pinheiro, Júlio Sequeira, Luís Nolasco, Mafalda Ferro, Manuela Eanes, Margarida Marante, Margarida Miranda, Maria Teresa Horta, Miguel Pereira Cardoso, Onésimo Teotónio Almeida, Paulo Rego, Rafael Gomes Filipe, Ricardo Saló, Rita Martins, Teresa Sá e Melo, Urbano Tavares Rodrigues e Zetho Cunha Gonçalves.

Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada – Walter Rebelo.

Biblioteca Nacional – Carlos Reis, Fátima Lopes, Isabel Cadete, Maria Helena Arjones.

Comuna – Teatro de Pesquisa – Álvaro Correia.

Centro de Conservação e Restauro de Angra do Heroísmo – Paula Romão.

Direcção Regional da Cultura – Angra do Heroísmo – Cristina Gonçalves, Marcolino Candeias, Vasco Pereira da Costa.

Embaixada do Canadá – Isabel Inácio.

Escola Secundária Filipa de Lencastre – Fernanda Almeida, Manuela André, Maria José Mira, Paula Costa.

Jornal Expresso

Junta de Freguesia de Fajã de Baixo – João Carlos Macedo.

Museu Nacional do Traje

Valentim de Carvalho

David Ferreira, Helena Mata e Sérgio Gonçalves.

Aos autores dos textos que figuram em «Olhares»:

António Vitorino de Almeida, Armando Nascimento Rosa, Fernando Macedo, José Manuel Anes, Madalena Braz Teixeira, Maria Fernanda de Abreu.

ÍNDICE

11	Natália na Ilha do Futuro <i>Inês Pedrosa</i>
19	A verdadeira Natália <i>Ana Paula Costa</i>
30	1923-1939 › Ai martírios de minha mãe!
58	1940-1949 › Andar?! Não me custa nada!...
78	1950-1959 › Estamos a 27 milhas náuticas de Santa Maria.
104	1960-1969 › Em todos os homens que há na minha vida procuro reconstituir a sua secreta gentileza.
134	1970-1979 › Como era possível viver a festa e simultaneamente relatá-la?
178	1980-1989 › Preparemos, aquáticas donzelas, uma festa aos fortíssimos varões.
206	1990-1993 › Creio no incrível, nas coisas assombrosas/Na ocupação do mundo pelas rosas,/Creio que o amor tem asas de ouro. Amén.
223	Cada homem que nasce é um ser que perdeu o mundo
224	Natália, o Génio Criador
236	Natália, Uma Mulher na Política
240	Natália, a Diva
248	Olhares



Prefácio

Natália na Ilha do Futuro

Inês Pedrosa

A Natália era uma lenda viva. Dizia-se assim só: a Natália. Como se diz a Sophia, a Agustina, a Amália. Mulheres que logo no nome trazem marcada a força, espécies muito diferentes de uma força que lhes traça o som e a grafia dos nomes, com o poder insondável de um destino.

Com a Natália não havia sossego; era uma mulher de armas, no sentido menos caserna e mais amazona da palavra. A princípio, sem a conhecer ainda, também eu tinha medo dela. O maior dos medos, que é o de mal nenhum. Medo de lhe telefonar do JL a pedir um depoimento sobre os seus livros de férias, e ouvi-la descompor-me, do lado de lá: *«Ó menina, não tem nada de mais inteligente para me perguntar? Julga que eu não tenho mais que fazer?»* Nunca me aconteceu. Liguei-lhe muitas vezes para lhe fazer as perguntas mais variadas e Natália Correia respondeu-me sempre com o maior dos decoros: ditava-me as frases lentamente, pontos e vírgulas incluídos, e depois ordenava-me que lhe lesse tudo, para ver se estava conforme.

Fui-lhe ficando cada vez com mais medo. Por causa da voz, clara e tonitruante. Por causa dos modos, fortes e sacudidos. Por causa do Saber e da História, claro. Mas sobretudo por causa da lenda. Diziam: quando

ela veio dos Açores, Lisboa parou para a olhar. Um dia disse-lhe que se dizia isto. «Então se eu tinha onze anos, como é que Lisboa parou para olhar para mim? São tudo mentiras! Detesto que me venham com essas histórias. Reajo de uma forma mesmo muito violenta. Essas bestas não percebem uma coisa básica: Lisboa estava cheia de mulheres bonitas. O que me distinguia, talvez, era um certo brilho, uma alma, um espírito que me animava e me trazia luz ao rosto. Simplesmente – e aqui é que está a perversidade contida nessas lendas – ao empolarem o meu aspecto físico queriam amesquinhar os meus méritos intelectuais, os meus méritos de escritora (porque eu comecei a escrever muito novinha, aos 17 anos), visto que nessa altura as mulheres que escreviam tinham de ser feias e as mulheres belas só tinham um destino: servir o prazer dos homens. Portanto, essa asquerosa lenda que circula por aí é a herança de uma mentalidade que subsiste, mentalidade essa que, valorizando o meu aspecto físico, obscurecia o meu valor intelectual.»

Várias vezes a senti esbarrar, exasperada, contra as histórias de uma Lisboa alucinada, feita de corações caindo aos borbotões à sua porta: «Essas histórias até tinham algum fundo de verdade, mas passei as passas do Algarve, porque é evidente que nessa fábula da minha beleza introduziam-se sugestões imundas que me atribuíam um comportamento sexual que eu nunca tive. Até porque, nesse aspecto, a minha vocação sempre foi para a distância e para a serenidade. Essa cáfila de famintos eróticos que andava atrás de mim só conseguiu fazer de mim uma pessoa bastante indiferente, senão mesmo com desdém pela vida sexual. Isso continha um perigo: podia conduzir-me ao puritanismo. Mas a minha formação libertária salvou-me desse contra pecado que é o maior pecado de todos, e manifestei sempre a minha grande compreensão pela liberdade sexual das pessoas.»

Nunca conseguiu resignar-se ao impacto do seu corpo, da sua voz, da sua acção. Queria ser amada pelo que escrevia, pelo voo da sua alma e não pelo mortal invólucro dela. «Eu pareço entusiástica, exuberante, mas é só por fora. É a minha forma de me libertar das tensões que as pessoas mordem dentro de si. Interiormente, tenho a imobilidade de um ídolo oriental. Mas não sou fria. Sou até um ser profundamente afectivo. Coloco o amor na sua totalidade – o Amor que compreende Eros, Ágape (ou amor sublime), Líbido, e Filia (amizade). Este amor é a própria essência da cultura portuguesa.» Entendia a paixão como o grau veemente desse mesmo amor. «O erro dos portugueses ao longo da nossa História literária

tem sido o de subjugarem a sua vocação romântica a um racionalismo de empréstimo que vão buscar além-Pirenéus. Porém, sempre que houve génio em Portugal, ele foi romântico. A lírica camoniana é uma das mais ricas expressões do nosso romantismo. É no amor que realizamos o nosso ser integral, na comunhão com o outro. Sem isso o nosso eu está incompleto – o que tem tudo a ver com a saudade, a saudade daquele que nos permite a reunião do nosso ser. Mas como a civilização que já penetra em nós por todos os poros impõe a separação, crescem os dramas da solidão. Todos nós somos ultrapassados pela pressa dos outros, ficamos abandonados. É o mundo da separação. Portugal corre o risco de se tornar um hospital psiquiátrico, porque a sociedade para a qual estamos a correr vertiginosamente é contra o amor. E quem não ama está condenado à loucura.»

Escutá-la era perder as algemas do medo – dela, do passado, do futuro. Repito-lhe a voz na fita, voz barroca, antiga, inesquecível, como uma canção ainda capaz de suspender o tempo. Confesso que já lhe transplantei a voz para outras mulheres, personagens de romances – de qualquer forma a voz, nos romances, é o leitor quem a inventa, o que retira gravidade a esta confissão. As frases começavam-lhe eufóricas e terminavam muitas vezes melancólicas. Como se a meio da explicação se desse conta da inutilidade das palavras repetidas, da impossibilidade de passar assim um qualquer testemunho. Escrevera tanto. A Censura apreendera-lhe tantos livros. A memória das pessoas é tão curta. Quem se lembrava que a revolução sexual em Portugal havia sido iniciada com a sua «*Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*», publicada e proibida em 1966? Ela e os dela. Quem se lembrava que fora ela a primeira a exaltar o Barroco e o Romantismo no altar panteísta do profundo Portugal? Ela e os dela. E o pior era que, com o correr do tempo, alguns dos dela iam perdendo o pé na corrente. Ela permaneceu.

Natália nunca se mumificou em partidos políticos nem maiorias fáceis. No tempo das ditaduras, quem não era fascista devia ser comunista, ou, pelo menos, neo-realista.

Natália morou sempre noutro lado. «*Segui sempre uma linha romântica. O surrealismo foi a última expressão do romantismo. Foi nesse meio que se estabeleceu a minha maior cumplicidade.*» Não havia nela a nostalgia que tudo iguala. Também por isso Natália assustava. Ela não se encolhia para caber no

tempo, não vivia de menos e por isso não recordava de mais. Sabia ser beijada na mão. Nos últimos anos, deixara de fumar. Brincava com os dedos. Havia qualquer coisa de Isadora Duncan no movimento dos seus braços. Costumava dizer que, se pudesse, andava sempre de túnica. Gostava que lhe gabassem os trajes, nem que fosse só para encolher os ombros, numa lassidão de rainha: «É uma coisita comprada nos ciganos.»

A paixão era a chave de vidro de Natália. Há quem cultive o *name-dropping*. Aristocrata dos sentimentos, ela preferia cultivar o *love-dropping*. Orgulhava-se muito mais de ter apresentado Snu Abecassis a Sá-Carneiro do que de ter privado com algumas das maiores figuras do século. Se a encontrávamos no Botequim a falar de Vitorino Nemésio, havia de ser para lhe recordar uma história de amor de que foi confidente. E saltaria simplesmente de Nemésio para o marinheiro Ulisses, um Rambo silencioso que certa noite, num bar, se apaixonara por ela, declarando-se-lhe à saída da forma mais eloquente: ergueu o automóvel dela nos braços. No dia seguinte, claro, Ulisses baixava ao hospital com uma hérnia, sem saber que Natália o consideraria para sempre um herói à altura dos maiores vanguardismos.

Generosa, Natália não resistia ao papel de madrinha de um bom amor de perdição. Era aí que entrava a matar, e morria mil vezes. Era aí que o medo passava a ser dela e a chamar-se perturbação, derramamento ou fragilidade. «Amante» era uma das suas palavras favoritas. Mal ouvia falar em «noivos», «esposos» ou «lua-de-mel», punha-se a motejar. Uma vez disse que nunca gostou dos neo-realistas porque eles chamavam «companheiras» às esposas e ela preferia «amante», que é a palavra mais próxima do radical amor.

À paixão devia ela a gula pelo mundo e o pavor do escuro, o horror de ficar sozinha em casa, o desamparo perante as coisas práticas da vida e a ousada luz dos seus poemas. Era feroz para consigo própria como uma adolescente.

Em menina exasperava-se com aqueles parvos mártires que se deixavam languidamente comer pelos leões, nas superproduções à la moral de Hollywood. Não dizia a ninguém, mas no fundo fazia parte da claqué dos leões. Fez da descruzificação da civilização ocidental a sua grande causa.

Por isso embalava todos os movimentos ecológicos «verdadeiros» (por verdadeiros entendia Natália não-partidários) e escreveu O ARMISTÍCIO, um livro-bomba de explosão retardada. Dizia: *«O homem foi apanhado por duas garras. Por um lado, a ciência laica, que se liga ao industrialismo através da ganância burguesa do dinheiro, do poder, do ter. Por outro lado, o cristianismo deixou-se dominar pelo conteúdo patriarcal da romanidade, o que resulta numa igreja católica que penaliza os cultos da Natureza, considerando-os satânicos. A natureza é uma teia de relações, um todo feminino. A cultura do masculino é a cultura da fragmentação, da especialização e da divisão.»*

Claro que onde quer que Natália aparecesse havia de surgir um peru disfarçado de homem ou mulher a tecer considerações sobre o crescente número de mulheres que já vão mandando sobre um crescente número de homens, na ânsia de se mostrar *up-to-date*, condescendente e sensível. Então, Natália começava a rir-se, gabava os marialvas, deixava-se cortejar e punha-se a discorrer sobre a diferença entre «o mulherio» e «as mulheres», que era uma forma caridosa de explicar que a cultura feminina é uma coisa doce que há em porções complementares dentro dos homens e das mulheres.

«As mulheres aqui são obrigadas a mover-se segundo princípios, critérios e sistemas fundados pelos homens. A maior parte delas exagera tanto que isso acaba por se traduzir numa grande onda de homossexualidade. E como eu os percebo! Se as mulheres imitam os homens, temos de concordar que eles têm pouco por onde escolher. Para elas, a competência é a exacerbação do espírito de competição exercido pelo homem. Essa sujeição, esse mimetismo feminino do comportamento do homem é altamente responsável pelo atraso da transformação implicada na revolução cultural, espiritual, sacral, que virá repor uma sociedade onde a paixão não seja neutralizada e se dê o retorno do homem à mãe da vida.»

Vivia a inventar o futuro, pela noite fora, no Botequim. Era lá que tinha encontro marcado com os amigos. *«Gosto de pessoas lavadas por dentro. Detesto pequenas perversidades. A bondade é uma irradiação da beleza. Gosto de pessoas belas.»* O pianista tocava. Havia sempre duas ou três mesas vazias, porque toda a gente se apinhava em torno de Natália, fazendo um só grupo de todas as idades. Rir-se-iam a noite inteira. Quando se entrava, durante mais de

vinde anos, só se ouvia a voz dela, clara e tonitruante. Os olhos cresciam-lhe, numa inclemência de faróis, para calar o pavor cego da solidão que lhe subia do fundo do sangue. Todos os outros olhos estavam presos nela. Então Natália perdia o medo e começava a cintilar.

Ana Paula Costa captou o corpo e a alma desta cintilação – o que não é obra fácil. Procurou-lhe nas linhas e entrelinhas da obra o sentido, a cor e a carne da vida. Uma fotobiografia é muito mais do que uma colecção cronológica de imagens ou uma sucessão de datas – e, em se tratando de alguém que viveu intensamente o derrame e a vertigem, alguém que fez da obra uma inovadora forma de vida e da vida uma arrojada obra de arte, este labor de ressurreição da memória torna-se particularmente delicado.

Sendo a autora desta Fotobiografia também uma talentosa estilista da prosa (um talento ainda praticamente desconhecido do público, espero que por pouco tempo), optou por apagar qualquer inscrição autoral para iluminar a artista e a mulher que este livro homenageia. Obviamente, esta estratégia de descrição parte de uma visão forte e precisa da multifacetada Natália – Ana Paula oferece-nos uma leitura simultaneamente existencial e intemporal desta extraordinária figura que continua a sacudir-nos o pó da alma e a puxar-nos para esse mar alto das ideias que se chama ideal.





A verdadeira Natália

Ana Paula Costa

S. Miguel, Açores. Em 1923, no dia 13 de Setembro, na freguesia da Fajã de Baixo, nasce uma menina. Nome: Natália de Oliveira Correia. Qualquer que tenha sido a conjuntura de astros, o concílio de deuses, distraidamente entregues a devaneios ou, pelo contrário, firmes num qualquer propósito de tarefa com perfeitos, refinadíssimos acabamentos, verdade é que criatura de génio – no sentido mais amplo – nasceu naquele dia. A inteligência, o carácter vulcânico, a vontade firme de dizer e pensar, com todas essas características, os deuses, despreocupados ou não, seguramente a fadaram para toda uma vida. Mulher de beleza extraordinária, génio invulgar e verbo incandescente. Talentosa. Para a escrita e para a vida. Poeta, romancista, dramaturga, ensaísta, tradutora, conferencista, editora, deputada. Em qualquer um desses domínios lavrou e se afirmou, numa inquieta busca de uma verdade, de um sentido estético e ético que perseguiu toda a vida. A poesia, o ensaio, o texto dramático e o romance tiveram nela a palavra rápida e certa, a lucidez dos que estão à frente do seu tempo. A política – que (apenas) defendia abraçar como valor cultural – viu nela o

arrebatamento dos que se batem pelas causas em que acreditam. Fogosa interveniente nas mais diversas causas – desde que a paixão a guiasse – marcou, indiscutivelmente, a vida intelectual portuguesa do nosso tempo.

Natália viveu os primeiros onze anos na ilha de S. Miguel. Esta infância insular marcou-a. Por altura do seu nascimento, tinha a sua irmã, Carmen, dois anos de idade. Em 1929, Manuel Medeiros Correia parte para o Brasil, depois de já ter ensaiado algumas saídas: «Meu pai arruinou-se nas pândegas e partiu primeiro para as Bermudas, tinha eu meses, fixando-se depois no Brasil.»

É a figura da mãe – mãe ilha, mãe mulher e pátria, mátria – que abraça e envolve de forma simbólica e evidente muita da sua aventura na poesia. E na vida.

Depois de abandonar a «alma vulcânica da paisagem» de S. Miguel, aos onze anos de idade, um período de vinte anos decorrerá até que a ela – ilha-mãe – regresse. O Verão de 34 em que Natália passa as últimas férias na sua ilha de S. Miguel será, pois, o ano de uma mudança importante: a vinda para o continente.

Com a mãe iniciou o convívio com a música, a poesia. «Ela era uma mulher maravilhosa. Esteticamente diferenciada. A minha educação teve traços pouco usuais. Logo nos meus 5, 6 anos ela tocava piano todas as tardes para mim e para a minha irmã e depois lia-nos a mitologia grega. O meu imaginário foi logo na infância embelezado por esses mitos». Em 1936, conclui o 2º ano do então curso geral do liceu. Mas é a mãe o eixo emocional e intelectual de um caminho autodidacta a que Natália Correia chamará a sua aprendizagem do universal. «(...) Quem orientou as minhas leituras foi a minha mãe. Mais tarde, mestres como António Sérgio, o grande doutrinador do associativismo, Almada Negreiros, que fora o *enfant terrible* do vanguardismo do Orpheu e Vitorino Nemésio, também açoriano e pioneiro em Portugal do interdisciplinar, foram figuras tutelares de ensinamentos que me foram valiosos.»

Dos segmentos cronológicos – patentes na sequência desta Fotobiografia – salientem-se alguns momentos que poderão traduzir a

diferença na sua vida. A década de 40 é a época de uma imensa abertura na vida da escritora. Conhece alguns dos que se tornarão seus amigos para toda a vida: Mário Soares, Martins Correia, Cruzeiro Seixas, Tomaz Ribas. Conhece a inquietação política, o início de uma intervenção cultural mais acentuada. Conhece o casamento, o primeiro de quatro. E o divórcio. Inicia em 44 o que virá a ser uma longa, e por vezes polémica, colaboração com a imprensa, começando por ser jornalista no Rádio Clube Português. 1945: um primeiro livro infantil, género que não retomará, *Aventuras de um Pequeno Herói*. Mais tarde, não o considerará importante, apenas o primeiro. Sua mãe publicará, entretanto, um primeiro romance, *Almas Inquietas*, sob o pseudónimo de Ana Maria.

Natália assina as listas do MUD (Movimento de Unidade Democrática). O escultor Martins Correia – com quem viverá uma longa amizade e que será padrinho do seu casamento com Alfredo Machado –, oferece-lhe um busto que lhe dedica: *Poeta*. O seu primeiro romance, *Anoiteceu no Bairro*, é publicado em 1946 e escreve, para o jornal *Portugal, Madeira e Açores*, um primeiro poema, *Manhã Cinzenta*. O primeiro livro de poemas – *Rio de Nuvens* – é também desta década. Do ponto de vista da intervenção política, é importante o seu apoio – com Mário Soares e José Augusto França – à candidatura do General Norton de Matos à presidência da República. Mais tarde, em 58, apoiará também a candidatura de Humberto Delgado.

Em Junho de 1949, celebra o seu segundo casamento, em Tânger, com William Creighton Hyler, Bill, um americano que trabalhava no Serviço de Meteorologia do Aeroporto de Lisboa. É com ele que visita os Estados Unidos pela primeira vez. Conta Onésimo Almeida que «o *Boston Globe* publicou, a 9 de Junho de 1950, uma fotografia dos dois onde aparecem como *Mr. and Mrs. William Creighton Hyler (former Natália Correia)*, uma romancista que ia escrever uma série de reportagens para o *Diário de Lisboa*». Desta viagem resultará a escrita do livro *Descobri que Era Europeia*. Segundo a sua amiga Helena Cantos, este casamento só terá sido celebrado para «fazer ciúmes ao Alfredo Machado. Casou, foi três meses para a América e depois o Sr. Machado foi lá buscá-la.»

Nos anos 50, Natália Correia convive com o surrealismo, não querendo, no entanto, ser considerada uma surrealista. Recusa, aliás, ao longo da vida, as sucessivas arrumações da sua obra em géneros literários. «Esse pedido deve ser feito aos escolares da sistematização e não aos poetas cuja força criadora é a de serem selvagens face a essas arrumações», responderá, no âmbito de um inquérito da Phala. «Sei lá em que contexto poético deste século situar a minha poesia. Colocam-me uns no grémio surrealista. Outros dão-me emprego nas contorções do barroco. Até já me detectaram aflorações concretistas. Enfim, uma poesia no desemprego.» Envolta numa aura de romântica – que ela própria subscreve –, o convívio com os poetas surrealistas devolve-lhe a dimensão irónica, interventora, a postura de denúncia e cepticismo que também a caracterizam. Escreve Maria João Martins no seu livro *Mulheres Portuguesas*: «Nesses anos em que o salazarismo sofria golpes sucessivos, Natália Correia tornava-se a mulher mais iconoclasta da cidade. Com Luíz Pacheco e Manuel de Lima (dois dos surrealistas com quem conviveu muito na época) escreveu panfletos que desancavam toda a instituição ou pseudo-instituição deste País. Assinatura: o pseudónimo «Delfim da Costa», que, desde então, se transformou na pena mais viperina que correu em Portugal desde os tempos medievais das trovas de escárnio e maldizer, passando pelas saborosas *Farpas* de Ramalho Ortigão.»

Casa-se, na década de 50, pela terceira vez. Este casamento – com Alfredo Lage Machado – será o mais longo da sua vida. Juntos viverão – durante 39 anos – até à sua morte, em 1989.

Natália desencadeou paixões – algumas ainda hoje visíveis – que ajudavam alguns dos seus medos a não terem um confronto definitivo. Conta Helena Cantos que, quando se conheceram, Natália não queria sair à rua sozinha, era sempre abordada, quer de forma agradável, quer desagradável. Estamos a falar de uma Lisboa paternalista na qual Natália, apesar de inúmeros contratempos, nunca desistiu de uma imagem de grande sensualidade que contribuiria, no seu entender, para o aparecimento de uma individualidade feminina, «uma cultura característica e essencialmente

diferenciada da cultura masculina. «Quando elas desciam a Morais Soares, as árvores afastavam-se» – terá dito inúmeras vezes Manuel da Fonseca, referindo-se a Natália e a sua irmã Carmen. Não é difícil, ainda hoje, imaginar.

A Natália que não gostava de crianças é também polémica que merecerá ser aprofundada, no âmbito de outras obras. Conta-nos ainda Helena Cantos que «a filha da Susana, uma empregada lá de casa, assim que via que a Natália chegava à sala, ia a correr para o seu colo». Nas festas em casa de Fernanda de Castro, do alto da sua boquilha distante, imensa, a frase oferecida aos meninos era sempre a mesma: «sinto o corpo enlanguescido por volúpias siderais». As crianças ficavam apavoradas, – e era o feitiço das palavras, incompreensíveis, ou o que de hipnótico e atraente emanava daquela personalidade intrigante? – e «tinha aqueles olhos penetrantes que pareciam dizer “não quero aqui crianças”». Nós ficávamos petrificados, nem nos mexíamos, achávamos que ela era uma bruxa», diz Mafalda Ferro. A mulher que escreveu *Uma Estátua para Herodes* tinha, com algumas crianças, inegáveis mas estranhas alianças de afecto. Numa atitude provocatória – postura por que, tantas vezes, optou –, tinha em exercícios intelectuais o gozo de os prolongar, para confusão das hostes, em postura de vida. Porque Natália gostava. Dos homens, das mulheres, das crianças, dos bichos. Da vida. «Desconfiemos dos poetas de gabinete», dizia.

Dos muitos momentos que construíram a sua vida, salientem-se ainda alguns das décadas de 70 e 80. Períodos de forte intervenção cultural – através das «noites brancas do botequim», nas palavras de Júlia Lello, e da Assembleia da República, onde Natália Correia se mantém como deputada de Dezembro de 1979 a Novembro de 1991. Deputada independente pelo PSD, ao qual adere por simpatia para com Francisco Sá-Carneiro e a sua atitude revolucionária, segundo ela, de impor a sua relação com Snu Abecassis à sociedade portuguesa.

Apesar da impetuosidade do seu carácter, da energia criativa que a contorna, da personalidade telúrica e vibrante que todos lhe reconhecem, um certo desencanto vai-se apoderando, aos poucos, de Natália Correia. Mas uma invulgar energia, constantemente sublinhada por uma

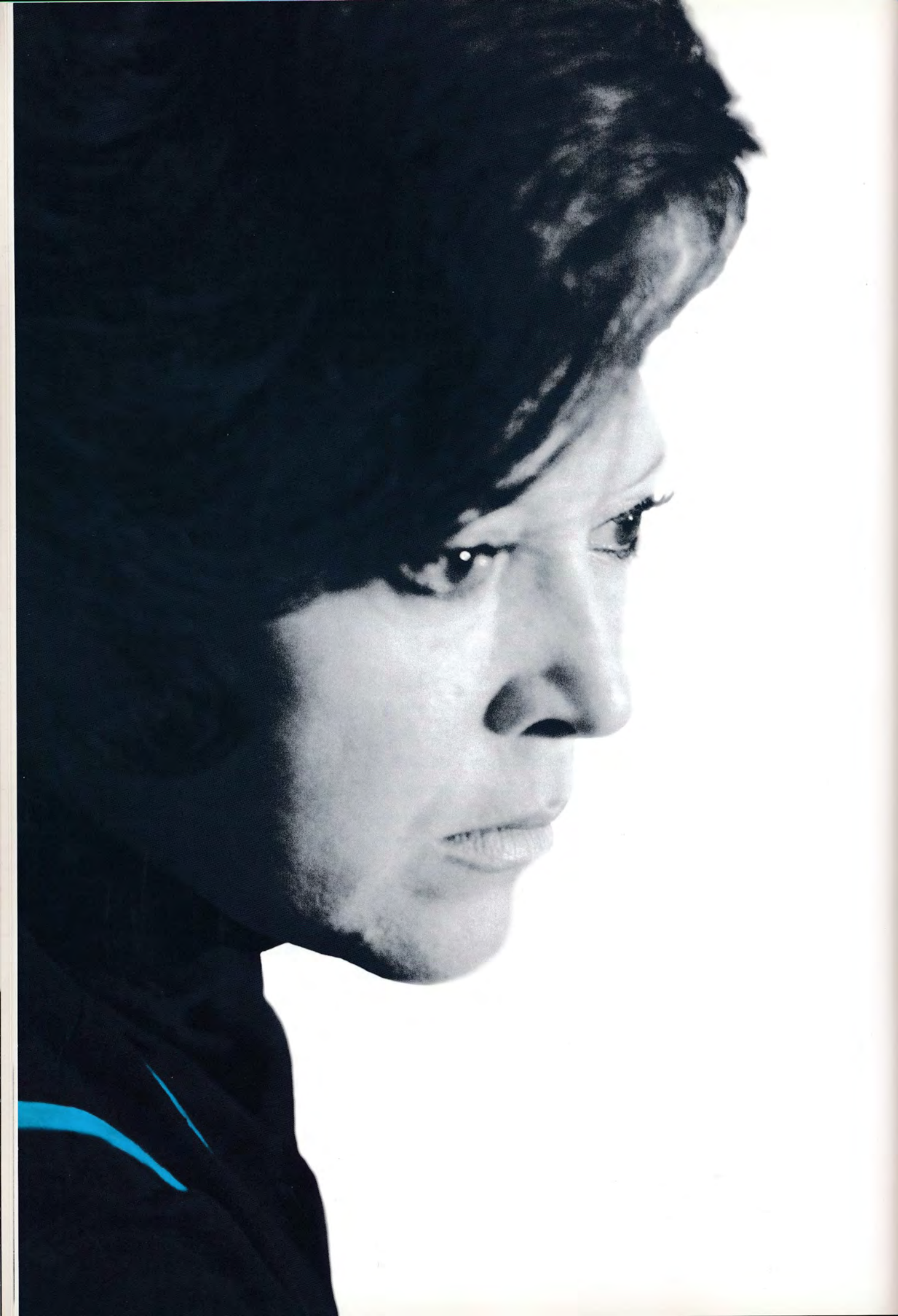
extraordinária capacidade de sedução, caracteriza esta notável mulher que, já próximo o fim, se desdobra ainda em criatividade, talento e paixão. Faz ainda inúmeras viagens, publica uma das suas mais importantes obras de poesia – *Sonetos Românticos* – que será reconhecida com um prémio, casa com Dórdio Guimarães, seu esposo/irmão e amigo de longa data e cria ainda a Frente Nacional para a Defesa da Cultura. Perseguida pela paixão e pela escrita até ao último dia, morre na madrugada de 16 de Março de 1993, depois de mais uma noite passada no Botequim, o hábito de parte da sua vida.

De todos os antagonismos de que foi protagonista, em todos os momentos de euforia, felicidade, mágoa e muita, muita solidão, há na sua vida uma constante de particular importância: a sua ligação à Ilha, à Mãe, separadas mas unas. Contou a Quirino Teixeira: «Ao longo dos anos, sempre que surgia uma circunstância que me relacionava com os Açores, eu sentia uma comoção muito forte, mas de certo modo indefinida. Até que um dia, tinha eu mais de trinta anos, todas as defesas saltaram. Foi terrível. Por compromisso familiar eu fora forçada a ir jantar com umas pessoas que me aborreciam. Estava eu num alheamento minimamente bem educado quando, na música ambiente do restaurante, fazem ouvir uma música do folclore micalense. O que se passou então em mim foi de uma grande violência emocional. Comecei a soluçar de uma forma irracional. Era como se algo há muito em mim retido arrombasse as comportas. Pedi para me levarem a casa e a partir daí só pensei em voltar à ilha. Quinze dias depois partia.»

No início deste trabalho senti-me quase perdida na imensidão do que percebi ser o seu espólio. O número de caixotes, envelopes com fotografias, manuscritos, entrevistas, papéis, papéis, papéis. E a memória, a paixão, as histórias, sempre diferentes, de cada um dos seus amigos. Tudo o que possa eventualmente ter vindo ao meu encontro sobre Natália Correia estará – apesar de uma selecção inevitável – espelhado nesta Fotobiografia. Contradições incluídas. Natália Correia tinha, para além do medo da solidão, uma enorme lucidez sobre ela; para além das virtudes e talentos que muitas vezes – umas justamente, outras de forma mais ou

menos fantasiosa, e não é isso a memória? – lhe são atribuídos, uma arguta inteligência emocional. Finíssima. Fez amizades que, politicamente, se situavam à esquerda e à direita. As suas fronteiras não eram, não poderiam ser, de cariz partidário. Onde reconhecesse inteligência, sensibilidade, o seu coração estaria. Não por acaso teve amigos para todas as ocasiões e para todo o tipo de exigências. Desde as amigas que assistiam ao seu banho, geralmente tomado ao fim da tarde, depois de um dia a escrever, até a personalidades como Mestre Lima de Freitas, cujos campos de interesse se situaram, como sabemos, em áreas bem mais herméticas do que as que rodeiam um banho perfumado. Não será também por acaso que, ao longo deste trabalho, de cada vez que conhecia um amigo ou amiga de Natália Correia, quase sempre ouvi a mesma frase: «*eu é que conheci a verdadeira Natália!*». Raros os casos em que tal não ouvi. Na sua solidão, ninguém podia ocupar todos os lugares dentro de si, havia áreas que nunca seriam preenchidas. Porque a sua exigência tal não permitia.

A multiplicidade do seu carácter, a vida por que optou, os diferentes matizes de que se coloriram as suas opções – pessoais, éticas, estéticas, políticas – acabaram por influenciar a organização deste trabalho. Assim, para além da ordem cronológica, obviamente inevitável, optei, em primeiro lugar, por dar voz a todos aqueles que me queriam contar as «verdadeiras» histórias da «verdadeira» Natália. Em segundo lugar, pela riqueza da sua produção escrita, só poderia deixar que também ela interferisse no corpo do texto. As fotografias e reprodução de outros documentos são acompanhados por excertos da sua obra literária e ainda de obras de outros que focalizam ora épocas retratadas, ora a própria escritora. No último capítulo do livro – *A Unidade na Multiplicidade* –, pretende-se traçar mais alguns momentos da vida de Natália Correia numa selecção de imagens e acontecimentos. Escolhidos foram o seu génio – a sua sede de viver em comunhão com o talento, o seu e o de outros, a vontade de comer da vida para fazer nascer a poesia –, a sua intervenção política que, como sempre sublinhou, era intervenção cultural, a única que lhe interessava, e, finalmente, a sua beleza – inegável mas que «muitos elogiavam para depreciar o seu talento».



Natália, o Génio Criador, Natália, Uma Mulher na Política e Natália, a Diva. Por último, os *Olhares* de tantos outros que quiseram também na sua arte e na sua escrita imortalizá-la.

Forte, frágil, bela, polémica, talentosa, contraditória. Tal como nos géneros que cultivou, nos temas que desenvolveu, nas áreas em que interveio, também no relacionamento com os outros Natália Correia revelou o seu eclectismo. Em cada um dos seus amigos deixou um sentimento de escolha exclusiva e o seu talento na vida desencadeou paixões que são – e serão por muito tempo – evidentes. Poucos são, por enquanto, capazes de ter uma visão distanciada da sua personalidade. Muitos os que com ela partilharam o alvoroço e o desencadear frenético que rasgou dias de vivências extraordinárias. A sedutora multiplicidade e a complexidade do seu carácter, a genialidade da sua obra poética, ensaística, romanesca e dramática poderão originar ainda diversos e polémicos estudos. Diferentes perspectivas o futuro nos reservará ainda, sem dúvida. Outros cambiantes, múltiplos feixes de luz que iluminarão o caminho do seu nome. O nome do seu génio, de múltiplos, misteriosos e apaixonantes rostos: Natália.



Hoje venho oferecer esta tristeza às coisas
No gesto esquivo de não as desejar.
Pôs em minha alma como o sol nas frias lousas
A vida o gosto de esplandecer em recusar.

São-me alheias estas margens onde corre
O destino que aos dados aos deuses eu lancei.
O que me dói é ver que tudo morre
Noutras mãos em gestos que tracei.

Natália Correia,
Inéditos (1955/57),
Poesia Completa, p. 97.

«Nome: Natália Correia.

Idade: Antiquissimamente jovem. Perdi-a à medida que fui avançando para
um ponto do Espírito em que passado, presente e futuro se fundem.

Estado Civil: Casada sem condescendências com o enfadonho espírito da
conjugalidade.

Naturalidade: Ilha de S. Miguel.

Filhos: Nenhum. A minha maternidade é universal e não biológica».

Manuscrito de respostas
a um inquérito
do *Expresso* (2 Fev. 1991),
B. N.

1 > Natália Correia.
Fevereiro de 1975,
ilha de S. Miguel.

1923

Natália Correia, *A Ilha de Circe*, p. 13.

1939

Ai, martírios de minha mãe! Quero tomá-los contigo.

– Mãe, dá-me um maracujá!

Ela envolve-me nos seus braços de carnação leitosa:

– Não, meu amor. Os maracujás não são nossos.

«A ilha onde nasci não é para mim uma imagem longínqua. Ela está dentro do meu quotidiano. Pulsa na minha natureza. Na minha acção diária. Acompanha-me a consciência por vezes dolorosa de que estando muito presa ao continente a minha alma é da imensidão do mar onde nasci. Creio ter exprimido este sentimento num poema.

Não sou daqui. Mamei em peitos oceânicos
minha mãe era ninfa meu pai chuva de lava
Mestiça de onda e de enxofres vulcânicos
Sou de mim mesma pomba húmida e brava.



2 > A escritora aos 4 anos
«Natália Correia. Foi-me
oferecido pela mãe,
Maria José de Oliveira. Maria
Amélia Teixeira Filipe.»

3 > Na década de 80



É esta a chave do meu temperamento. Da minha recusa a confinar-me a horizontes estreitos.»

Natália Correia, *Perguntas para Televisão*. B.N.



4 › A mãe, Maria José de Oliveira

«Ao meu querido Manoel, como prova de muito amor e saudade. Maria José d'Oliveira. Fajã de Baixo, 2-12-917»

5 › Manuel de Medeiros Correia



Natália Correia, *Não Percas a Rosa*, p. 40.

«(...) Não havia Deus nessa altura. Havia deuses. Minha mãe lia-mos todos os dias. Dava-me a comer as coisas deste e do outro mundo em colheres de prata. Na mais reluzente uma deusa saía do mar e dizia numa língua de turquesas que o bem era o belo e o mal era o feio.»

Natália Correia, em entrevista a Quirino Teixeira

«(...) Só poeticamente procuro exprimir o estranho elo que me prende a essa rainha fantasmagórica da minha poesia: a Mãe.

(...) a minha mãe apresentou-se-me como um ser de poesia. E é essa relação que perdura. (...) Ela era uma mulher esteticamente diferenciada.»

Natália Correia, em entrevista a Quirino Teixeira

«Meu pai arruinou-se nas pândegas (...) e partiu primeiro para as Bermudas, tinha eu meses, fixando-se depois no Brasil.»

Natália Correia, B. N.

«Meu pai era um playboy que estafou a fortuna e carregado de dívidas deu o salto, indo parar ao Brasil, onde parte da minha família desde há muito se fixara. Razão pela qual a minha irmã também foi lá parar.»

Foi isto outrora na ilha das fadas
Embrumada em hortênsias. Não sonhei.
Sobre as lagoas de águas encantadas
Dormiam os fetos e não havia lei.

As vacas, nas colinas esfumadas
Ruminavam o eterno. Ali folguei
Na festa das crianças coroadas.
Reinava o Amor e não havia Rei.

Dentro da música a casa repousava.
Minha mãe docemente penteava
Os meus cabelos e caíam pérolas.

Rumores longínquos da infância oclusa,
Que num desvão da alma ainda debruça
Uma varanda sobre um mar de auréolas.

Natália Correia, *Sonetos Românticos* (1990),
Poesia Completa, p. 579.

1918, 14 de Novembro

Maria José de Oliveira, professora,
casa com Manuel de Medeiros
Correia, comerciante.



6 > Manuel de Medeiros
Correia

«À minha extremosíssima
Maria José, dívida
de amor e retorno de
saúde. Manuel de
Medeiros Correia. Fênais
d'Ajuda, 18-12-1917».